

Habitar o corpo - corpo, gozo, histeria e feminilidade

Beatriz Helena Martins de Almeida

Texto publicado em:

Livro Zero: Revista de Psicanálise. *Entre o significante e a letra*. V. 1, número 9, segundo semestre 2018. Publicação do Fórum do Campo Lacaniano em São Paulo FCL-SP / Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano EPFCL Brasil, São Paulo, 2018, pp. 25 a 34.

Sobre a autora:

Beatriz Helena Martins de Almeida é psicóloga e psicanalista, membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL) e do Fórum do Campo Lacaniano em São Paulo (FCL-SP). Foi diretora do FCL-SP em 2017-2018. Coordenou a Rede de Pesquisa “As Psicoses” entre 2002 e 2017 e atualmente coordena a Rede de Pesquisa “Psicanálise e Feminilidade” do FCL-SP. É coordenadora, professora e supervisora clínica do Curso de Formação em Acompanhamento Terapêutico do Instituto A Casa. É supervisora clínica da Equipe Nós de Acompanhamento Terapêutico e de acompanhantes terapêuticos que atuam no Centro de Visitação Assistida do Tribunal da Justiça CEVAT. É co-organizadora do livro “Rede Clínica”(Ed. Escuta/FCL-SP, 2016) e autora de diversos artigos.

e-mal: acompanhamentoterapeutico@gmail.com

Habitar o corpo - corpo, gozo, histeria e feminilidade¹

Beatriz Helena Martins de Almeida

A histérica não é uma mulher. Trata-se de saber se a psicanálise, tal como a defino, dá acesso a uma mulher, ou se o advento de uma mulher é uma questão de doxa (LACAN, 1971, p. 145).

A noção de corpo em psicanálise deve ser tomada nas diferentes dimensões do Real, do Simbólico e do Imaginário.

Assim um corpo não habitado pela linguagem, não é corpo, é carne. Para fins de introdução propomos o narcisismo como corpo imaginário, o corpo recortado pelo significante como corpo simbólico e o que não é redutível à significação, a carne que resta, como real.

Consideraremos assim os modos de gozo nas interfaces dos registros RSI. O gozo fálico entre o Real e o Simbólico, o gozo do Outro entre o Imaginário e o Real e o gozo do sentido entre o Imaginário e o Simbólico.

Inicialmente, podemos acompanhar Lacan no texto sobre o Estádio do Espelho nas elaborações sobre a antecipação imaginária a partir da imagem do outro, que confere ao infans uma imagem unificada do corpo.

Posteriormente, podemos acompanhá-lo nas elaborações sobre a incorporação simbólica do corpo. Como diz Soler (2002, p. 20 e 21), “*o organismo animal advém em corpo sintomático e pulsional no ser falante, [...] isto quer dizer que a linguagem afeta o organismo, o desnaturaliza, o modifica*”.

Lacan (1970, p. 406) encontrou nos estóicos o lastro para pensar o corpo através da incorporação:

Volto primeiro ao corpo do simbólico, que convém entender como nenhuma metáfora. Prova disso é que nada senão ele isola o corpo, a ser tomado no sentido ingênuo, isto é, aquele sobre o qual o ser que nele se apóia não sabe que é a linguagem que lho confere, a tal ponto que ele não existiria, se não pudesse falar. O primeiro corpo faz o segundo, por se incorporar nele. Daí o incorpóreo que fica marcando o primeiro, desde o momento seguinte à sua incorporação. Façamos justiça aos estóicos, por terem sabido, com esse termo *incorpóreo*, assinalar de que modo o simbólico tem a ver com o corpo. [...] O corpo, a levá-lo a sério, é, para começar, aquilo que pode portar a marca adequada para situá-lo numa sequência de significantes.

¹ Trabalho apresentado no II Simpósio Interamericano da IF “Sexuação e Identidades” no Rio de Janeiro em setembro de 2017 e na Jornada de Encerramento do FCL-SP em São Paulo em dezembro de 2017.

Para os estoicos os incorporais são o lugar, o vazio, o tempo e o *lekton* (exprimível). Os incorporais são acontecimentos, são efeitos, assim como a ferida e a cicatriz, que marcam a superfície dos corpos (Bréhier, 2012, p. 11). O traço unário como S1 marca o corpo e engendra cadeias significantes. O corpo habita a linguagem e é habitado por ela.

Vejam os como Maya (2010) relaciona a teoria dos estoicos sobre os incorporais com a proposta freudiana de corpo pulsional e com a noção de gozo em Lacan:

Os incorporais não são coisas nem estados de coisas, são acontecimentos, não estão na profundidade dos corpos, senão na superfície, cortam os corpos. Assim, pode-se entender a proposta lacaniana de que a linguagem faz buraco no corpo desprendendo algo dele, o objeto a. Isso introduz, podemos dizer, uma topologia que nos evoca o que Freud nos ensinou sobre o corpo pulsional, aquele no qual os buracos superficiais determinam a maneira de gozar. Iguamente, podemos entender a proposta de Lacan, inspirada nos estoicos: o significante cai como marca sobre o corpo.

O efeito da incorporação da linguagem no corpo é de subtração de gozo. A palavra é a morte da coisa. Dizer que o simbólico mortifica o corpo corresponde à expressão “corpo deserto de gozo”. O sujeito não é seu corpo, prova disso é que já é falado antes de nascer e sobrevive a cadaverização do corpo. O que nos leva a localizar o gozo fora do corpo, o gozo fálico. Como nos esclarece Soler (2002, p. 41), trata-se de “*um corpo em disjunção com seu gozo pela operação da linguagem, ou seja, pela operação da demanda articulada que engendra o desejo como resto e a pulsão*”.

André (1986, p.236) acrescenta que a linguagem se interpõe entre o sujeito e o corpo. *Esta interposição constitui ao mesmo tempo um acesso e uma barreira: acesso ao corpo enquanto simbólico e barreira ao corpo enquanto real*”.

É assim que “*o corpo como substância de gozo, que não é o sujeito, é susceptível de inscrever, não se sabe porque, de guardar o rastro das experiências de gozo, nesse sentido a história se inscreve em sintomas corporais.*” (Soler, 2002, p. 168).

O efeito da incorporação pelo simbólico é que a linguagem marca o corpo e determina seus modos de gozo, “*porque uma estrutura recorta seu corpo, e nada tem a ver com a anatomia. A histórica o atesta*” (Lacan, 1973, p. 510). A clínica nos mostra, uma boa gama de sintomas histéricos como acontecimentos de corpo.

É interessante notar como Lacan em momentos diferentes de seu ensino vai articulando o corpo nas dimensões do imaginário, do simbólico e do Real. Assim faz-se necessário contextualizar o corpo como deserto de gozo em relação ao simbólico e o corpo como substância gozante em relação ao Real a partir do Seminário *Mais Ainda*, como demonstra Soler (2002, p. 122):

No Seminário *Mais Ainda*, Lacan introduz o corpo como substância gozante. Durante anos defendeu que o corpo era um deserto de gozo, [...] - este corpo deserto de gozo [...] que era o correlato, o homólogo do conjunto vazio do sujeito, o corpo tão vazio de gozo como o sujeito está vazio de ser; ao contrário, o corpo substância gozante é o Outro com maiúsculas, em relação ao simbólico e em relação ao sujeito.

Ou seja, o sujeito não é seu corpo, mas “para gozar faz falta um corpo”, o sujeito não é o corpo, mas tem um corpo.

É na medida mesma em que o significante recorta o corpo por uma falta, que se localiza o gozo como gozo fálico, o que circunscreve um campo fechado do gozo, fora do corpo. Nesse mesmo corte que contorna o gozo fálico é que se configura, ao mesmo tempo, um Outro campo, um campo aberto de gozo que não se deixa apreender pela linguagem, que designamos gozo do Outro, gozo no corpo.

Portanto, tudo o que é sexual é do registro da linguagem, de significantes, ou seja, do falo. Assim independente da anatomia, a sexuação é uma questão de significantes e de semblante. Como nos diz André (1986, p. 213): “*O gozo sexual [...] não é alguma coisa onde ingressamos por nosso ser, mas sim pelo significante*”.

Vale salientar que quando Lacan refere-se ao gozo sexual alude ao gozo fálico e quando refere-se ao gozo do corpo alude ao gozo do Outro. É nessa heterogeneidade de Um gozo a Outro que podemos concluir com André que: “*O primado do falo implica, com efeito, na impossibilidade da relação de sexo a sexo, de um ser macho a um ser fêmea, só autorizando a relação no registro do semblante*” (Ibid., p. 214).

Diz Lacan (1971, p. 34):

Para o homem, nessa relação, a mulher é precisamente a hora da verdade. No tocante ao gozo sexual, a mulher está em condição de pontuar a equivalência entre o gozo e o semblante. É justamente nisso que jaz a distância a que o homem se encontra dela. [...] Na verdade, que o semblante seja aqui o gozo para o homem é uma indicação suficiente de que o gozo é semblante. [...] Inversamente, ninguém senão a mulher - porque é nisso que ela é o Outro - sabe melhor o que é disjuntivo no gozo e no semblante, porque ela é a presença desse algo que ela sabe, ou seja, que, se gozo e semblante se equivalem numa dimensão do discurso, nem por isso deixam de ser distintos no teste que a mulher representa para o homem. [...] Cabe dizer que tudo o que nos foi enunciado como sendo a instância do inconsciente não representa nada senão o horror dessa verdade. [...] É o que se costuma empacotar sob o registro do complexo de castração.

Homem e mulher são fatos de discurso (Ibid., p. 136). É por ser incorporado pelo simbólico que é possível abordar o corpo pela diferença sexual, para além do anatômico. É nessa medida que **homem** e **mulher** são semblantes, sustentados pela Verdade que o Outro Sexo representa, A Mulher é a verdade para o Homem e vice-versa. Trata-se para a mulher de parecer mulher para o homem e vice-versa.

Lembremos que nos discursos, a dimensão do semblante se sustenta pela dimensão da Verdade. Verdade essa que não é enunciada. Do púbis ao público, “*que o véu levantado não mostre nada*” (Lacan, 1974, p. 558).

<u>semblante</u>	<u>outro</u>
verdade	produção

O que resta do corpo não inscribível, resto da incorporação pelo simbólico é o corpo na sua dimensão Real. A carne substância de gozo. “*Nos buracos da linguagem se encontra o que há de mais real, o ser do gozo, talvez impossível de dizer, porém presente*” (Soler, 2002, p. 139).

Lacan, no Seminário *Encore, En corps*, por vezes refere-se ao gozo do Outro como gozo do corpo. Esse gozo inabordável pelo simbólico, que tem como figura o gozo místico, gozo do qual se experimenta mas não se pode enunciá-lo, escapa a qualquer apreensão significativa. Do gozo do corpo do Outro nada se sabe. É assim que o Outro sexo se configura como a verdade da impossibilidade da relação sexual. S(Abarrado) escreve a impossibilidade de fazer Um com o Outro.

Soler (*Ibid*, p. 44) frisa a “*questão do gozo sexual e mais exatamente do gozo feminino, porque no que diz respeito ao gozo masculino, é fora do corpo - como diz Lacan, gozo fálico fora do corpo. É seguro que o gozo denominado Outro é um gozo que entra na periferia do corpo, não se sabe muito bem onde se encontra, porém não está fora do corpo*”.

Vejamos como André (1986, p. 219) esclarece o quadro das fórmulas da sexuação:

A coluna da esquerda do quadro descreve a estrutura da posição dita masculina na sexualidade, posição cujo significante principal, é o significante do Um; a coluna da direita dá conta da posição dita feminina, cujo significante-chave é o do Outro. Esta divisão não corresponde absolutamente à diferença anatômica entre os sexos, mas indica uma divisão do sujeito em duas metades, sendo a escolha da posição subjetiva determinada no próprio discurso do sujeito, às vezes contra sua anatomia. Em cada uma dessas colunas se inscreve uma série de escrituras que se referem todas elas a uma função única: a função $Fi(x)$ que afirma que aquilo que tem a ver com a sexualidade provém da função do falo, de qualquer lado que se situe. A diferença de posição ou de identificação sexuada só se institui nos falantes, homens e mulheres, pela maneira na qual se inserem como sujeitos nesta função. Não é a função $Fi(x)$, a lei fálica, que por si mesma os faz diferentes, mas sim a posição subjetiva pela qual se declaram assujeitados a ela.

Retomando: a linguagem marca o corpo e determina seu modo de gozo, determina um campo fechado de gozo e acessível aos significantes, do lado “homem” do quadro das fórmulas da sexuação, lado do Um; ao passo que é nesse mesmo corte que se configura um campo aberto de gozo não inscribível, do lado “mulher” do mesmo quadro, lado do Outro. Corte que determina a impossibilidade da relação de complementariedade de Um com Outro. Assim, diz Lacan no Seminário *De um discurso que não fosse semblante*, homem e mulher são fatos de discurso, que se organizam em função do modo como se submetem ao falo, todo fálico ou não todo fálico, respectivamente. Nesse sentido a relação só se faz possível ao nível do semblante. Lacan diz que a instância do inconsciente representa o horror da Verdade da disjunção do gozo e do semblante. Assim a histérica se abriga desse horror pelo viés do falo, como busca-se esclarecer nos parágrafos seguintes.

A histérica está do lado “homem” nas fórmulas da sexuação, muito embora ela se pergunte a respeito do que significa ser uma mulher, o faz a maneira de uma questão endereçada ao mestre com a finalidade de indicar a insuficiência da resposta, “*o sujeito histórico se identifica com uma*

mulher que complementar o homem, mas apenas para expor e condenar a impossibilidade de tal relação complementar. [...] O sujeito histérico coloca a questão da feminilidade exclusivamente na ordem do simbólico". (Van Haute e Geysken, 2016, p. 174)

André (1986, p. 282) ressalta que as angústias de castração, as angústias fóbicas e as angústias históricas são barreiras, são proteções contra uma angústia ainda mais fundamental causada pelo horror dessa hiância, pelo horror que essa falta de simbolização da feminilidade pode causar tanto para as mulheres como para os homens.

A histórica foge do irrepresentável da feminilidade. Põe-se ao abrigo no falo e se reveste dele como de uma carapaça. Ela não tarda, certamente, em sentir essa armadura fálica como uma prisão. [...] O que uma mulher quer é que alguma coisa advenha ao lugar deste significante faltoso, que um ponto de apoio lhe seja fornecido precisamente lá onde o inconsciente a deixa abandonada. (*Ibid.*, p. 284)

Já que as mulheres não recebem de suas mães o significante que permite escrever o próprio sexo, elas podem reivindicá-lo do pai. A histórica se empenha em sustentar um pai sempre insuficiente. Ao mesmo tempo que queixa-se da insuficiência do pai, ela pode dedicar uma vida a lhe dar sustentação fálica. Metonimicamente, esse apelo ao pai, observa-se em relação aos mestres e aos homens.

Daí a extrema ambivalência que marca a aparente reivindicação das mulheres com relação ao pai. Elas exigem pai e o querem ainda mais na medida em que nunca o há bastão. [...] A histórica não está errada em denunciar a impotência estrutural do pai quanto à filha, mas ela se perde querendo a todo custo repará-la. Nenhum pai será jamais pai o bastante para satisfazer este anseio. [...] É na inexistência deste pai sublime que fica suspensa a sorte da feminilidade. Lacan o enfatiza, valorizando o papel de Deus como destinatário último da posição feminina, e do Homem como pólo fantasmático. (*Ibid.*, p. 282)

Podemos observar como no discurso da histeria se evidencia a estratégia histórica de fazer parceria com o mestre.

§ S1
a S2

A escritura do lado esquerdo do discurso histérico escreve com clareza essa partição. Por um lado o sujeito conectado por seu desejo ao significante do poder, porém por outro lado, no lugar da verdade, o que está escrito é o "a", e que aqui comento um pouco como sendo o gozo subtraído ao parceiro do poder. E é sem dúvida por isso que os sujeitos históricos, cada vez que tem um problema, uma dificuldade, um descontentamento com o parceiro S1, aparecem as turbações do corpo cortando-lhe o passo (Soler, 2002, p. 171).

Em *O Aturdido*, Lacan (1972, p. 465) já havia postulado que a "*devastação que constitui, na mulher, em sua maioria, a relação com a mãe, de quem, como mulher, ela realmente parece esperar mais substância que do pai*". E, no Seminário *O Sinthoma*, Lacan (1975-76, p. 98) acrescentou que o homem pode ser uma devastação para uma mulher, no mínimo uma aflição, pois como não há

equivalência entre os sexos, uma mulher é um sintoma para todo homem, enquanto para uma mulher o homem pode ser uma devastação.

A mãe pode ser devastadora para a filha na medida em que não lhe transmite nada que assegure seu ser. É por essa via que ela pode esperar que um homem finalmente lhe revele sua verdade, mas a verdade se mostra em sua face de horror, eis a devastação, a levantada de véu não mostra nada além de desvelar o engodo da fantasia, e evidenciar o gozo opaco não redutível ao falo e refratário a representação. A suspensão dos semblantes fálicos revelam o horror da verdade que pode se apresentar como devastação.

“O amor procura realizar o encontro que, pelo lado do gozo, se verifica impossível. O amor visa efetivamente suprir a falta da relação sexual” (André, 1986, p. 250). Daí que a relação com um homem poder ser uma devastação, na medida mesma em que a histérica se faliciza para complementar um homem. O que se passa aí é que nada garante que ela não será destituída desse lugar de onde precisa se ver amada e desejada. Afinal qualquer prova de amor é em si insatisfatória para a demanda de que o Outro possa revelar a verdade mais íntima de seu ser, a partir de onde possa se ver amável. Se por um lado a histérica pode ser destituída, substituída, largada; por outro lado, ficar em posição de ser o falo pode cair-lhe como uma armadura que a aprisiona e da qual almeja se libertar.

O problema que se coloca para a histérica é que ela busca subjetivar aquilo que do corpo e do gozo escapa a inscrição fálica justamente pelo modo fálico, assim fica presa num ciclo infernal, conformado pela fantasia. Já que é pelo significante que busca responder pela impossibilidade de significância.

Na medida em que não recebe da mãe, nem do pai, nem dos mestres, nem dos homens, um reconhecimento que a satisfaça, ela pode fazer um desvio através de Outra Mulher, o que pode confluir em idealização, rivalidade ou ciúmes de outras mulheres, que certamente são aquilo que ela não é, e que, fantasmaticamente, se encontram no lugar onde ela gostaria de estar, na visada do Outro. A histérica pode buscar o signo de A Mulher em outras mulheres.

Soler (2002, p. 167) descreve bastante bem essa situação, retomando como Lacan define a “greve histérica” em 1975 nas Conferências sobre Joyce:

A greve histérica em uma mulher é a negação a ser um sintoma-mulher. A histérica quer parecer uma mulher, mariposar como uma mulher, mais que a outra, ainda melhor na comparação, porém ser o sintoma-mulher, é outra coisa! O sintoma-mulher, se joga a nível do corpo.

Talvez possamos deduzir dessa definição, como a posição “sintoma-mulher” é solidária ao discurso do analista, a mulher sintoma encarnando o objeto de gozo - não toda fálica - para um

parceiro dividido por seu desejo. Cujo saber da verdade mentirosa permite suportar que não há proporção entre os sexos. Despojada do Ideal, pode ocupar um lugar marcado pelo traço que a faz singular, nem melhor, nem pior, uma entre outras.

a §
S2 S1

A direção do tratamento na histeria pode incluir uma operação de esvaziamento da consistência imaginária da Mulher. Ir da Mulher que não existe em direção a assunção de uma mulher. Do impossível ao possível, uma mulher, não-toda na função fálica, mas única em sua singularidade, aberta às contingências de um novo amor.

O que esperar de uma análise de um sujeito histérico em direção a feminilidade? Não obturar o vazio, mas franqueá-lo às contingências de encontro e de criação.

Gostaria de concluir com essas palavras de Serge André (1986):

A criação, com efeito, não é, nada mais que a produção de um significante novo no lugar do significante faltoso. Desenvolvemos, noutra parte, a idéia de que toda criação é, originalmente, uma tentativa de resposta à inexistência da Mulher. Mas o que distingue essa tentativa é que o significante novo criado pelo artista não procura preencher o furo deixado aberto por S(Abarrado), mas, pelo contrário, revelá-lo e fazê-lo atuar como tal (p. 284). [...] Em seu Seminário de 77, Lacan oferece uma indicação, mais do que procurar um significante novo que adviria no lugar do furo deixado no inconsciente pela falta de S(Abarrado), o analista deveria responder por uma palavra vazia, modelada sobre a poesia que é efeito de sentido, mas também furo (p. 288).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?* RJ: Jorge Zahar Editor, 1986
- BRAUNSTEIN, Néstor. *Gozo*. São Paulo: Editora Escuta, 2007.
- BRÉHIER, Émile. *A teoria dos incorporais no estoicismo antigo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- CONTÉ, Claude (1992). *Sexualidade Humana*. in O Real e o Sexual - de Freud a Lacan.
- LACAN, Jacques (1970). *Radiofonia*. In Outros Escritos. RJ: Jorge Zahar Editores, 2003.
- LACAN, Jacques (1972). *O Aturdido*. In Outros Escritos. RJ: Jorge Zahar Editores, 2003.
- LACAN, Jacques (1973). *Televisão*. In Outros Escritos. RJ: Jorge Zahar Editores, 2003.
- LACAN, Jacques (1974). *Prefácio a O despertar da primavera*. In Outros Escritos. RJ: Jorge Zahar Editores, 2003.
- LACAN, Jacques (1971), *O Seminário Livro 18 De um discurso que não fosse semblante*. RJ: Jorge Zahar Ed., 2009.
- LACAN, Jacques (1972-1973). *O Seminário livro 20: Encore*. Edição não comercial da Escola da Letra Freudiana.
- LACAN, Jacques (1975-1976), *O Seminário Livro 23 O Sinthoma*. RJ: Jorge Zahar Ed., 2007.
- MAYA, Beatriz Elena. *Los Incorporales del lenguaje*. Pliegues: Clínica, Psicoanálisis e Atualidad. Número 1. Federación de Foros del Campo Lacaniano en España: 2010, pp. 23-32.
- SOLER, Colette. *L'en-corps del sujeto* - Curso 2001-2002. Traduzido e editado por Matilde Pelegrí e Montserrat Pera. Formation clinique du Champ lacanien - Collège clinique de Paris. Barcelona.

VAN HAUTE, Philippe e GEYSKENS, Tomas, *Psicanálise sem Édipo? Uma antropologia clínica da histeria em Freud e Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

Beatriz Helena Martins de Almeida
Psicanalista membro do FCL-SP, da IF e da EPFCL

Habitar o corpo - corpo, gozo, histeria e feminilidade

Resumo

A linguagem marca o corpo e determina seu modo de gozo. Determina um campo fechado de gozo e acessível aos significantes, do lado “homem” do quadro das fórmulas da sexuação, lado do Um; ao passo que é nesse mesmo corte que se configura um campo aberto de gozo não inscritível, do lado “mulher” do mesmo quadro, lado do Outro. O que determina a impossibilidade da relação de complementariedade de Um com Outro. Assim homem e mulher são fatos de discurso, que se organizam em função do modo como se submetem ao falo. Nesse sentido a relação só se faz possível no nível do semblante. Lacan diz que a instância do inconsciente representa o horror da Verdade da disjunção do gozo e do semblante. Assim a histérica se abriga desse horror através do falo. A questão é que a histérica busca subjetivar aquilo que do corpo e do gozo escapa a inscrição fálica justamente pelo modo fálico, assim fica presa num ciclo infernal, conformado pela fantasia. O tratamento da histeria pela Psicanálise, vai da Mulher em direção a uma mulher, de modo a não obturar o vazio, mas franqueá-lo às contingências de encontro e de criação.

Palavras-chave: corpo, gozo, sexuação, semblante, histeria, feminilidade.

Inhabit the body - body, *jouissance*, hysteria and femininity

Abstract

The language marks the body and determines its modality of *jouissance*. It determines a closed field of *jouissance* that is accessible to the signifiers on the “man” side on the sexuation formulas, side of the One; by means of the same cut, an open field of *jouissance* that can't be inscribed, on the “woman” side, side of the Other, is configured. This is what determines the impossibility of a relation of complementarity of One with Other. So man and woman are facts of the speech, which organize themselves in a function of the way they submit to the phallus. In this sense, the relation is only possible in the semblant level. Lacan says that the instance of the unconscious represents the horror of the Truth about the disjunction between the *jouissance* and the semblant. So the hysteric takes shelter from this horror through the phallus. The question is that the hysteric tries to bring into

their subjectivity that which, pertaining to the body and the *jouissance*, escapes from the phallic inscription, and does so precisely by means of the phallic modality, thus becoming attached to an infernal cycle, conformed by the fantasy. The treatment of the hysteria in psychoanalysis goes from The Woman towards a woman, in a way that won't tamp the void, instead open it to the contingencies of the encounter and the creativity.

Keywords: body, *jouissance*, sexualization, semblant, hysteria, femininity.

Habitar el cuerpo - cuerpo, goce, histeria y feminidad

Resumen

El lenguaje marca el cuerpo y determina su forma de goce. Determina un campo cerrado de goce y accesible a los significantes, del lado del "hombre" del cuadro de las formulas de sexualización, lado del Uno; al paso que es en ese mismo corte que se configura un campo abierto de goce que no se inscribe, del lado "mujer" del mismo cuadro, lado del Otro. Lo que determina la imposibilidad de relación de complementariedad de Uno con Otro. Así hombre y mujer son hecho del discurso, que se organizan en función de la forma como se someten al falo. En ese sentido la relación sólo se hace posible en el nivel del semblante. Lacan dice que la instancia del inconsciente representa el horror de la Verdad de la disyunción del goce y del semblante. Así la histérica se protege de ese horror a través del falo. La cuestión es que la histérica busca subjetivar aquello que del cuerpo y del goce se escapa a la inscripción fálica justamente por el modo fálico, así queda atada en un ciclo infernal, conformado por la fantasía. El tratamiento de la histeria por la Psicoanálisis, va de La Mujer en dirección a una mujer, de modo que no obtura el vacío, sino que se abre a las contingencias del encuentro y de la creación.

Palabras claves: cuerpo, goce, sexualización, semblante, histeria, feminidad.